

Património Cultural Imaterial em Portugal

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O «SABER-FAZER» TRADICIONAL

Tomar, **24 e 25 outubro** 2019
Biblioteca Municipal de Tomar

Objectivos

O **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O “SABER-FAZER” TRADICIONAL** pretende contribuir para a salvaguarda, promoção e uma mais ampla percepção da singularidade desta inestimável faceta do Património Cultural Imaterial Português.

Destinatários

Artesãos e respectivas associações; técnicos dos serviços culturais autárquicos; investigadores, docentes e estudantes de ciências sociais; bibliotecários (incluindo os responsáveis das bibliomóveis); museólogos e demais técnicos dos museus; membros de confrarias e de associações de defesa do património cultural, personalidades e grupos artístico-culturais, entidades certificadoras, etc., sem esquecer o conjunto dos membros pertencentes à Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

Organização

Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial e Município de Tomar

Colaboração

Câmaras Municipais de Barcelos, Barreiro, Braga, Estremoz, Lourinhã, Peniche, Viana do Alentejo e Vila Real Santo António; Instituto Lusófono do Património Cultural Imaterial; Clube UNESCO - Imagem, Som e Criatividade; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Instituto Politécnico de Tomar; Direcção Regional de Cultura do Centro; Entidade Regional de Turismo do Centro; Entidade Regional de Turismo do Alentejo; Direcção Regional de Cultura do Norte; Museu Alberto Sampaio (DRCN); Centro de Formação “Os Templários”.

Atribuição de certificado de participação.

Inscrição: Não Sócios: 5€ | Sócios: Grátis

A inscrição (obrigatória) também poderá ser feita no próprio dia, na Biblioteca Municipal de Tomar. A ficha de inscrição está disponível online: <https://bit.ly/31dUGgf>

Informações e inscrições

eugeniajpcorreia@hotmail.com – Tel. 933 516 394
museologia@cm-tomar.pt – Tel. 249 329 814

Fotos © Kénia de Aguiar Ribeiro



Foto © Daniel Pina



Organização



APCI
Associação Portuguesa
para a Salvaguarda do
Património Cultural Imaterial



Introdução

O «saber-fazer» tradicional, baseado na memória e transmitido oralmente, o acto produtivo que passa de geração em geração sem recurso à escrita representa, inegavelmente, um importante testemunho identitário.

Sabemos que as sociedades ocidentais sofreram profunda mudança com a Revolução Industrial e que, posteriormente, vagas sucessivas de descobertas científicas e inovações tecnológicas têm vindo a influenciar as estruturas de produção e organização do trabalho e a modificar as condições de vida. De costumados processos geradores, sobretudo, de objectos básicos atingiu-se a fabricação em série e a sua proliferação massiva. As novas tecnologias e novos materiais vieram proporcionar uma infindável quantidade de artigos destinados, quer ao uso doméstico, quer aos mais diferenciados sectores da actividade económico-social. À engenharia produtiva (concepção e fabricação assistida por computador, robots, inteligência artificial, etc.) ou à engenharia biológica e às biotecnologias, ligam-se expressões cada vez mais correntes, como cyberspace, edifícios inteligentes, realidade virtual..., mas sob as quais se podem detectar também visões de futuro e estratégias de acção inspiradas quase unicamente na glorificação da tecnologia e do consumismo, sem muita preocupação pela queda ou ruína de certos valores socioculturais.

Por outro lado, temos presente que a evolução tecnológica é inexorável. Que ao arado movido pela força animal, se sucedeu o tractor, passando a usar-se, entre outros, ceifadoras automáticas, ordenhadoras mecânicas, motores de rega e motocultivadores. Materiais nobres, como a pedra e a madeira, vieram a ser trabalhados com grandes e pequenas máquinas, substituindo com enorme facilidade e quase totalmente o martelo do pedreiro e a serra do carpinteiro. Objectos produzidos na roda de oleiro e no tear manual – dada a sua raridade – tornaram-se, hoje, quase sempre, potenciais peças de museu. Do vasto mundo das antigas criações artesanais resta uma ínfima parte. Guiando-se pelos velhos processos construtivos, somente um pequeno número de artesãos subsiste no nosso quotidiano e teima em afeiçoar a matéria e em transformá-la em obras úteis e belas, quantas vezes fomentadoras quase exclusivas do reencontro das populações consigo próprias e com o seu legítimo património cultural. Não esqueçamos, além disso, o simbolismo de certas peças, cuja leitura ou compreensão, por vezes, apenas está ao alcance dos seus utilizadores e da comunidade a que pertencem.

Para o etnólogo André Leroi-Gourhan, a cultura ocidental repousa no artesão – apesar de este figurar somente nos bastidores: «Em relação à “santidade” do padre, ao “heroísmo” do guerreiro, à “coragem” do caçador, ao “prestígio” do orador, à “nobreza” dos próprios trabalhos rurais, a acção do artesão é simplesmente “hábil”. É ele quem materializa o que de mais antropiano existe no homem, mas da sua história desprende-se o sentimento de que ele representa apenas um dos pólos, o das mãos, nos antípodas da meditação»¹.

Estes artesãos tradicionais, «tesouros humanos vivos» na nomenclatura da UNESCO, carecem presentemente de uma atenção redobrada, dado o seu número ter vindo a diminuir significativamente, tornando o risco de extinção em alguns casos, bastante preocupante (a exigir, aliás, a criação de uma «Linha “SOS” Património em Perigo»). Tanto mais que em Portugal perdura a ausência de uma política que corresponda ao Programa da UNESCO «Tesouros Humanos Vivos», definidos estes como os «indivíduos que possuem os conhecimentos e dominam as técnicas necessários para interpretar ou recriar determinados elementos do Património Cultural Imaterial». De facto, a inexistência de qualquer sistema nacional de «Tesouros Humanos Vivos» (com este ou outro título²) aplicado aos «depositários de tais conhecimentos e técnicas», constitui uma lamentável situação que, com celeridade, bem gostaríamos de ver ultrapassada.

Assim, para além do «saber-fazer» tradicional português já reconhecido pela UNESCO como património da humanidade («Arte Chocalheira», «Louça Preta de Bisalhães» e «Bonecos de Estremoz»), constam também deste inédito Seminário Nacional mais de uma dezena de outras diferentes expressões do artesanato tradicional (oleiros, tanoeiros, violeiros, caleiros, cesteiros, rendilheiras, etc.). Deste modo, procura-se enriquecer o conhecimento geral quanto à acção já desenvolvida, em curso ou perspectivada, sem deixar de se desejar alcançar igualmente um olhar mais antropologizado, susceptível de se aproximar do arcaico movimento intangível que ao longo dos tempos tem subsistido e que, nalguns casos, nos nossos dias, parece ainda fazer sentido. Enfim, com este conjunto de comunicações pretende-se contribuir para uma maior dignificação, salvaguarda e valorização desta faceta patrimonial imaterial que, um pouco por todo o país, persiste em manifestar a sua singular e inestimável feição.

Luís Marques

¹ In LEROI-GOURHAN, André (1964). O Gesto e a Palavra – Técnica e Linguagem. Lisboa, Ed. 70, Vol. I, 1983, p. 173.

² Cabe a cada Estado Membro aceitar esta designação ou escolher outra mais adequada.

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O «SABER-FAZER» TRADICIONAL

Tomar, **24 e 25 outubro** 2019
Biblioteca Municipal de Tomar

PROGRAMA

Dia 24 manhã

09:00 **Recepção** aos participantes

09:45 **Boas Vindas**, com a presença do «Grupo de Gaiteiros dos Brasões», Freguesia de Carregueiros-Tomar

10:00 **Sessão de Abertura:**

Anabela Freitas, Presidente da Câmara Municipal de Tomar.

Suzana Menezes, Directora Regional de Cultura do Centro.

Luís Marques, Presidente da Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

Painel I

O «saber-fazer» tradicional já reconhecido pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade: arte chocalheira, louça preta de Bisalhães e bonecos de Estremoz

Moderadora: **Isabel Maria Fernandes**, Doutorada em História, Directora do Museu Alberto Sampaio, Ex-Docente da Pós-Graduação em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

10:45 **Fabrico de chocalhos. Avaliação de três anos de inscrição na UNESCO.**

Paulo Lima, Ex-Coordenador da candidatura à UNESCO, Antropólogo

11:15 **A louça preta de Bisalhães (Vila Real): do conhecimento empírico ao objecto.**

João Ribeiro da Silva, Ex-Coordenador da candidatura à UNESCO, Mestre em Museologia e Património Cultural, Chefe de Divisão da Direcção Regional Cultura do Norte.

11:45 **Figurado em barro de Estremoz: salvar e valorizar a sua imaterialidade.**

Hugo Guerreiro, Ex-Coordenador da candidatura à UNESCO, Lic. em História, Coord. do Museu Municipal de Estremoz

12:15 Intervalo

12:30 Debate

13:00 Almoço

tarde Painel II

Moderadora: **Filipa Fernandes**, Pós-Graduada em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), Vereadora da Cultura da C. M. de Tomar.

14:15 **A Renda de Bilros de Peniche e o processo de inscrição no inventário nacional.**

Raquel Janeirinho, Antropóloga, Pós-graduada em Património Cultural Imaterial, Técnica Superior da C. M. de Peniche.

Marisa Ferreira, Pós-graduada em Marketing e Promoção Turística, Técnica Superior da C. M. de Peniche.

14:45 **A arte da Tanoaria em Bucelas, ontem e hoje. Património Cultural Imaterial a necessitar de salvaguarda urgente.**

Eugénia de Jesus Correia, Antropóloga, Téc. Sup. da C. M. de Loures e **A. Vermelho do Corral**, Antropólogo, Co-Fundador da Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

15:15 **Pães e bolos de festa e romaria – do amassar à partilha e à “promessa”.**

Teresa Perdigão, Antropóloga, Investigadora IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

15:45 Debate

16:15 Intervalo

Painel III

Moderador: **Eugénia Correia**, Pós-Graduada em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), Co-Fundadora da Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial)

16:30 **O ciclo do linho. Da planta ao tecido e ao cancionero. O caso exemplar de Várzea de Calde - Viseu.**

Alberto Correia, Pós-graduado em Antropologia Cultural, Investigador em Património Cultural Imaterial, com especial incidência no «saber-fazer» tradicional.

17:00 **A Molinologia e as dimensões imateriais que enformam a Etnotecnologia.**

Jorge Miranda, Antropólogo, Molinólogo, Criador e Coord. do «Dia Nacional dos Moinhos Abertos» /Coord. Nacional da Sociedade Internacional de Molinologia.

17:30 **História e sustentabilidade de saberes-fazeres tradicionais no Algarve: os entrelaçados com matérias vegetais (cana, palma, esparto).**

Catarina Oliveira, Arqueóloga, Mestre em História Regional e Local, Resp. Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela – C. M. de Vila Real de Santo António.

18:00 Debate

18:30 Encerramento dos trabalhos

Dia 25 manhã Painel IV

Moderadora: **Maria Adelaide Furtado** (Jurista, Pós-graduada em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

09:30 **A certificação das produções artesanais tradicionais como medida de salvaguarda do “saber-fazer” português.**

Graça Ramos, Lic. em Ciências Históricas, Pres. da «Associação Portugal à Mão», Membro de Comissões de Acompanhamento para a Qualidade e Certificação das Produções Artesanais Tradicionais.

10:00 **O sino como elemento cultural (material e imaterial).**

Luís Sebastian, Doutoramento em História, Assessor da Direcção Regional de Cultura do Norte.

10:30 **A estratégia municipal de promoção do Património Cultural Imaterial: o caso da certificação dos Cordofones de Braga.**

Miguel Bandeira, Vereador da Cultura da C. M. de Braga, Professor da Universidade do Minho.

11:00 Debate

11:30 Intervalo

Painel V

Moderador: **Fernando Motta**, Pós-Graduado em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), Técnico Superior da C. M. do Barreiro.

11:45 **Os “saber-fazer” tradicionais enquanto elementos insubstituíveis da Festa dos Tabuleiros.**

André Camponês, Antropólogo, Coordenador da proposta de inscrição da «Festa dos Tabuleiros» de Tomar no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

12:15 **Os saberes e ofícios da cal no âmbito do Património Imaterial do Algarve.**

Susana Calado Martins, Mestre em História do Algarve, Técnica da «Barroca – Produtos Culturais e Turísticos»

12:45 Debate

13:15 Almoço

tarde Painel VI

Moderador: **Carlos Ventura**, Pós-Graduado em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias), Co-Fundador da Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

14:30 **Os “saber-fazer”. Da tradição à instituição. Algumas certezas e muitas dúvidas a partir do caso dos lenços dos namorados.**

Jean-Yves Durand, Doutoramento em Antropologia, Prof. Associado Universidade Minho / Centro em Rede de Investigação em Antropologia

15:00 **Colecção etnográfica do museu da lourinhã: um projecto de musealização do “saber-fazer” tradicional.**

Alexandre Audigane, Mestre em Antropologia, Coord. Museu da Lourinhã e **Carla Abreu**, Pós-graduada em Museologia, Membro do Grupo de Etnologia e Arqueologia da Lourinhã/Museu da Lourinhã.

15:30 **Olaria & Figurado de Barcelos: uma identidade imaterial.**

Bruno Pereira e **Pedro Linhares**, Antropólogos, Pós-graduados em Património Cultural Imaterial, Técnicos Superiores da C. M. Barcelos - Museu da Olaria

16:00 Debate

16:30 Intervalo

Moderadora: **Maria João Pina**, Pós-Graduada em Património Cultural Imaterial – ULHT, Téc. Sup. Responsável Cultura e Educação da C. M. de Ferreira do Alentejo)

17:00 **O documento fotográfico como contributo valioso para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial.**

Patrícia Romão, Mestre em Conservação e Restauro, Pós-Graduada em Património Cultural Imaterial – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) **António Ventura**, Especialista em Audiovisuais e Produção dos Media, Membro Comissão de Coordenação do Centro Estudos em Fotografia de Tomar – CEFT/Casa dos Cubos)

17:30 **Apresentação do livro Património Cultural Imaterial – o olhar antropológico de Luís Marques (Doutorado em Antropologia, Director do Curso de Pós-Graduação em Património Cultural Imaterial – ULHT, Presidente da Associação Portuguesa para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial)**

Por **Maria do Rosário Pestana**, Doutorada em Etnomusicologia/Directora Curso de Mestrado em Música - Universidade de Aveiro, Especialista em Processos de Institucionalização do Folclore em Portugal.

18:00 Debate

18:30 Sessão de Encerramento

Mestres artesãos ou «Tesouros Humanos Vivos»

No local, executando peças «ao vivo», estarão presentes representantes do «saber-fazer» tradicional reconhecido pela UNESCO: Arte Chocalheira, Louça Preta de Bisalhães e Bonecos de Estremoz.

Poderá ainda observar-se uma rendilheira de Peniche, cujas rendas de bilros integram o processo de inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (actualmente em vias de conclusão), bem como vários representantes do «saber-fazer» tradicional tomarense: latoaria, cestaria, olaria, confecção de rodilhas e de flores de papel.

Exposição de livros

Junto ao auditório estará patente uma exposição de livros e materiais audiovisuais de cariz patrimonial imaterial para consulta ou aquisição com especiais descontos.